

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO III, Nº176 - DEZEMBRO - PORTO VELHO, 2004
VOLUME XI

ISSN 1517-5421

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - UFRO
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

176



FLÁVIO DUTKA

ESCREVER

Alberto Lins Caldas



Alberto Lins Caldas

Professor de Teoria da História - UFRO
Centro de Hermenêutica do Presente - UFRO
caldas@unir.br

ESCREVER

incipit

[Dizem "sois o sal da terra" porque querem que façamos o que faz o sal. Mas o efeito do sal é parar a corrupção: já não conseguimos nem queremos ser o "sal da terra": a corrupção somos nós, e nos alegramos nisso, e nos compreendemos assim e voltar é impossível: as ficções do viver não retornam a não ser como novas ficções, mesmo vestidas de velhas ficções.

O sal já não tem seu ofício e a causa dessa corrupção já também não nos importa porque não a consideramos mais corrupção. Quem nos salga é a corrupção porque se não deixa salgar. Porque o sal não salga os escritores (os críticos também!) dizem uma coisa e fazem outra. Porque é a corrupção e não o sal a nos salgar que escrevemos imitando a imitação, nos dizendo como todos podem ver, sem nos dizer realmente como se fossemos sal, e sal da terra.

Ao mesmo tempo a linguagem permite tudo, até mesmo se salgar pela corrupção em vez de se deixar salgar pelo sal da literatura. Mas a literatura já perdeu há muito sua capacidade de não servir para nada a não ser salgar a vida e se salgar como se fosse o sal da terra.

Nada disso é verdade, mas poderia ser, e assim sendo, isso se torna verdade, pois a verdade salgada não é igual a simples verdade sem sal; ela sendo uma coisa, também é seu contrário. E tudo isso sem que uma parte queira ou exija supremacia. Suposto, pois, que ou a literatura não salgue mais nem se deixe salgar, que se há de então de fazer a esta língua que não se deixa mais salgar? O que se há de fazer a uma língua que não salga? Que também não enfrenta nem é o sal. Se a língua perder a substância e a virtude, e o escritor faltar a si mesmo, o que se lhe há de fazer, senão lançá-lo fora como inútil, como coisa que se gasta, como mercadoria. E não é isso ao redor e por dentro?

Quem se atrevera a dizer o contrário? Assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça que o escritor que abre na solidez da existência as brechas que fazem ver o interior do exterior, e fazia o que devia, e assim era merecedor de todos os louvores, mas agora, por não salgar e se deixar salgar, é metido debaixo dos pés, com a palavra e com a vida pregando o contrário daquilo que devia salgar e não se vender antes mesmo do sal. Mas é isto mesmo o que se deve fazer ao sal que não salga, à língua que se não deixa salgar, ao escritor que esquecido da sua missão ri com riso frouxo dos que se vendem.

Prega o escritor, se é escritor, contra os homens sem sal; contra o insosso dos erros de entendimento que são dificultosos de arrancar, contra tudo que muito difícil de engolir: e todos se levantam contra ele e falta pouco para que lhe não tirem a vida.

Que deve o escritor fazer? Sacudir o pó dos sapatos? Mas o escritor está sempre com os pés descalços, as mãos nuas, a boca suja, o sexo em zombaria, preso a uma terra de ninguém. Se retirar? Se calar? Dar tempo ao tempo? Isso ensina a prudência e a covardia.]

Escrever é perder o nome, o reconhecível do corpo, as vozes que nos povoam, o olhar e os olhares que podem nos admirar, as memórias, os desejos, os anseios: é aceitar o tempo como dimensão de existência da escrita: o tempo deixa-se destamar pela escrita: é se deixar povoar por outros corpos, outras vozes, desejos, sonhos, escritas, respirações: recebemos, como aprendizes, instrumentos, conseqüências, seqüelas e matérias de muitos mestres: outros tempos germinam no imediato onde vegetamos no monstruoso: somos um ponto frágil na teia: essa delicadeza é a principal diferença entre a escrita e a escritura, entre a Literatura e a literatura, entre a palavra libertina e a palavra viril: entre aquela que reúne machos e fêmeas numa orgia e aquela que em sua virilidade decadente invade o mundo e o torna uma fazenda, uma família, um estado.

Escrever é fugir do cartório, do arquivo e do museu do trabalho cotidiano gasto, emudecido por uso inconsciente, mercantil, midiático. Estar além da tecnologia, da técnica, do estoque e da moda. Estar indiferente ao bom estilo, ao bem escrever, a gramática e a estilística: fora dos manuais de redação e da auto-ajuda gramatical: longe, bem longe, da História da Língua e da Literatura, da História do país e dos costumes da região: fora do pertencimento, da festa, do culto, das alegrias, das crenças e das necessidades. É não dizer o que todos dizem, vivem, trabalham, sofrem, crêem, sonham e desejam (isso eles já fazem entre si), mas saber porque e como e para quem e para que crêem, desejam, dizem, sofrem, sonham, trabalham e vivem. Escrever é não ficar seduzido com a moda: o que aparece: a visibilidade sem sutileza. É não ser universal nem regional, muito menos nacional: a sedução fascista da escrita chama-se escritura, aquela que não se faz no silêncio, mas com o lócus de inspeção e tudo aquilo que por ele é respeitável, querido, necessário para que subsista.

Por isso escrever não é ofício, quem escreve por ofício precisa escrever para viver, para sobreviver, para afiançar uma posição, para ficcionalizar, apoiar ou criticar o existe na medida do existir: torna legível certa dimensão da vivência para os que a atravessam com os olhos bem fechados, mas para confirmá-la em suas ilusões e poderes: é funcionário público, trabalhador, sindicalizado, cidadão, crente, alguém cumprindo um papel, uma função social permitida, aceita e requerida: escrever por ofício faz parte daquilo que é consentido ao bobo da corte, que não é palhaço para si mesmo, mas para o rei, para a corte, para os outros.

Escrever é, antes de tudo, escrever para si mesmo (para isso é preciso ser "assustadoramente ateu", como intui Umberto Eco), contra si mesmo, contra todos os outros que nos infestam, escrever enquanto diálogo intransigente consigo mesmo, árdua batalha de compreensão e convencimento, de manutenção e perda, onde as coisas retomam sua dimensão, seu nome, seu movimento; enquanto os outros dialogam, discordam, vislumbram e cintilam no silêncio como se objetos e animais ainda não fossem: por isso a escrita pode ver os planos perversos do viver; onde posso dizer-me e pensar e querer sem véus, sem utilidade, sem instinto: o leitor é somente um curioso indesejável ou companheiro de busca: o consumidor aqui não existe nem interessa: sem reduzi-los a mim nem me reduzir a eles a escrita abre seu corpo em tocaia: plena de suavidade, inconformismo, refinamento, libertinagem e desinteresse, a escrita conversa com as fundações da vivência.

Escrever é dialogar com as forças que formatam o caos e mantêm a ordem; é enfrentar, sem hipostasia, tudo aquilo que criamos e perdemos como coisa nossa: deus, espírito, matéria, natureza, sociedade, país, língua, corpo, poder. Este é afrontamento que exige a descoberta da respiração, do ritmo, do tom, da

fácies daquela voz que dominou as outras vozes: a escrita é rigorosamente encontrar um ponto cego e silencioso, uma linha d'água fora da caverna, fora desta voz exclusiva: entender as razões da sua supremacia sobre as legiões que somos cada um de nós. Ao compreender que somente essa voz senhorial pode dizer a verdade, a realidade, o sentido pelas razões que a fizeram dominante, esse ponto cego torna-se sua voz recuperada, ou criada de dentro do horror: escrever é recuperar o nome, o corpo, o desejo, o sonho, a palavra há muito raptada sem que sequer desconfiássemos: deixamos de exigir as naturalizações e as universalizações: perdemos o sexo definido, o vocábulo gramatical, a língua materna, a nacionalidade, a história: a escrita é aceitar todas as perdas, a diluição intermitente das ilusões que formatam o real.

Escrever é polir as palavras, a respiração, os sentidos – superando o tom falso, grosseiro, pastoso, recitativo, jornalístico ou “poético” de uma Literatura despreocupada em dissolver a torturante presença senhorial da escritura (o fantasma do senhor dentro da carne do escravo): polir como despossessão: escrever no extremo: o neutro desativando os mecanismos. Escrever é violento exercício de cortar e, principalmente, acrescentar, fazer crescer, multiplicar, não somente insuflando vida a palavras, idéias, sentimentos, e imagens desgastadas, mas alargando a escrita em inquietas transversais, numa polifonia ampla – fazendo novamente este corpo ressequido respirar, receber sangue, alimento, sexo, carinho – que exatamente pelo seu desmedimento consiga dar conta das complexidades não enfrentadas pelas frases anãs, pela timidez árida dos exemplos, pela vergonha dos adjetivos, pela repugnância a mácula das repetições, pelo prolixo fôlego determinado pelo viver ao se expor, pela virtude dos vocábulos minguados, pelo conjunto impressionista e descarnado, fugindo da obscuridade que exige olhos maiores, olhares gordos, impados, macroscópicos – o terrível tempo desta desmesurada caverna sem mundo exterior – palavras afiadas, frases do tamanho de ilhas, imagens gigantescas para conseguir com suas goelas do inferno engolir os planos vivenciais, as ideologias, os modelos vivos, os trilhos, os tobogãs da existência, e com isso desobstruir a literatura da arte-literária, das, das belas-letas, do jornalismo, da contensão pequeno-burguesa, de certa tradição castradora, recitativa, limpa, enxuta – que transformou escrever num ofício, num vício, numa ocupação pacata, mercantil, senhorial, oligárquica.

A escrita, lida por quem não busca sua busca, é veementemente transformada em escritura, em objeto, em espetáculo, em mercadoria, em Literatura: sua dimensão deve ser esmagada, reduzida, curvada, amortizada ao comum dos sentidos, fazendo ser dito o que ela não diz, fazendo ser o que ela não é, fazendo positivo o que é negativo, fazendo crente e amoroso e legal o que é tão somente terrorismo contra o existente: o alegórico é sacrificado deixando somente o grotesco que pode ser negociado: o terror é reconduzido e se transforma no horror: o guerrilheiro se torna quitandeiro.

Intacto o mundo continua, o leitor continua, a escritura vitoriosa reclama seu território: mais uma vez a aparência lucra: impõe sua necessidade sem camadas, sem castas, sem alusões, sem paródia, sem ironia, sem desejos, sem denegações. O passado e o futuro se dissolvem, aparecendo somente como imediato do presente: a dignidade do tempo, aquilo que nos faz ser, torna-se palco, cânone, existência unidimensional.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos publicados

*Melhor moradia é a cova
que não conhece posse
nem derrelição
Lá todas as contas estão certas
e mesmo que por cima
se joguem palavras palavras
e lágrimas lágrimas
virá um vento
capaz de carregá-las.*

CARLOS MOREIRA